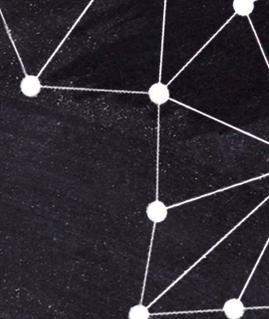
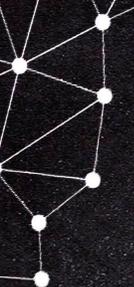
The background is a dark, textured charcoal grey. In the four corners, there are decorative white line-art patterns consisting of interconnected nodes and lines, resembling a network or molecular structure.

ROTAS RUTAS

Cláudia Zanatta e Rosa Blanca (orgs)

PPGART
editora



Outros extremos: encontros

Maria Ivone dos Santos

Encontrei o escultor Fedor I. Markov em 2014, em Yakutsk, na Sibéria. Ele talhava pequenas e delicadas figuras em presas de mamute, material raro que pertenceu a animais que existiram naquela região há 5.600 anos. Nossa comunicação era mediada por Tamara, que traduzia as perguntas que fazíamos em francês para o yakut. A conversa truncada ia sendo suplementada por outras informações que colhíamos naquele lugar. Sabe-se que manadas inteiras de mamute jazem no subsolo gelado da Sibéria, que abriga também muitas outras riquezas, como os diamantes mais puros do mundo. Ao relatar esse encontro, exponho paradoxos da ocupação humana nesses contextos ambientais extremos: a aceleração das atividades de mineração, que contribui para as eminentes catástrofes anunciadas pelas transformações visíveis na paisagem; a manutenção de uma grande austeridade dos modos de vida de comunidades isoladas, que colabora de certa forma para a sobrevivência daquele frágil ecossistema.

Essa visita era uma das atividades que eu havia proposto na residência realizada em Yakutsk e que se articulava com a instalação que eu e o Hélio Ferverza fizemos para a Bienal BY14 para a qual fomos convidados¹:

¹ *Le temps qu'il fait pensées fluides*, Hélio Ferverza e Maria Ivone

O tempo que faz, pensamentos fluidos (Le temps qu'il fait pensées fluides), no Museu de Arte de Yakutsk. Ocupamos a sala de Pinturas do Museu com dois vídeos e um objeto, instalados entre as pinturas de paisagens de artistas de Yakutsk. Apresentei *Rios Voadores*, uma série de 8 fotografias realizadas nos Pilares do Rio Lena², assim como o trabalho, um díptico, com um texto em francês e russo, acompanhado de uma imagem-lembrança que fiz do encontro com Marcov. As pinturas do museu e nossos trabalhos eram pontuados pelos signos adesivados propostos por Hélio. Nossos trabalhos conversavam com aquela sala dedicada à paisagem. Essa experiência foi marcante para nós, vindos do Brasil, de um contexto distante e de outra realidade geográfica. Encontramos Fedorov Sergey Egorovich no Museu do Mamute, mantido pela Universidade, que nos fez conhecer mais sobre o estado anterior daquelas paisagens que antes do período de glaciação tinha um clima cálido e planícies verdejantes

dos Santos. *BY14 – 3ª BIENAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE YAKUTSK. H₂O e seus três estados (sólido, líquido e gasoso)*. 05 de setembro - 04 de outubro de 2014. República Sakha (Iacútia). Federação da Rússia. Curadores convidados VINCENT + FERIA.

² Pilares do Rio Lena está situado há algumas horas da cidade de Yakutsk, e a região é acessada por barco e estrada de chão batido. Considerado patrimônio mundial pela UNESCO.

por onde passeavam manadas de Mamutes³. O tema da Bienal reforçava a urgência de se falar sobre as transformações decorrentes da aceleração dos processos de ocupação humana sobre territórios vulneráveis. Essa região é constituída por uma camada compacta de gelo, o *permafrost*, que vem sofrendo alterações pelo aquecimento global e pelas atividades entrópicas.

Em 2016 se apresentou a circunstância de conversar sobre essas experiências em um encontro organizado por Françoise Vincent-Feria, uma das curadoras da Bienal e professora na Universidade de Strasbourg com quem co-orientei a tese de Pauline Gaudin.⁴ Eu não poderia estar presente e pedi que Pauline lesse a minha carta endereçada à audiência. Nesse texto eu apresentava a visita realizada ao escultor Marcov, acompanhada de uma imagem na qual eu mostrava uma escultura que ele havia me dado antes

³ O Museu do Mamute, Universidade Federal do Nordeste de Ammosov, NEFU. <https://www.s-vfu.ru/en/university/mammoth/>

⁴ Datada do 15 de novembro de 2016, a carta redigida em francês foi lida por Pauline Gaudin no Syndicat Potentiel, em Strasbourg, durante o encontro ocorrido por ocasião da *Exposition élargie "Ni autochtone ni contemporain"*. "Chers amis", foi publicada como narrativa de experiência no livro *Ni autochtone ni contemporain*, p. 31. ISBN 978-2-919500-06-2.pag 76-78

de eu partir de Yakutsk: uma figurinha de mamute talhada, colocada no interior de uma concha de escargot (sobra da degustação que Vincent+Feria ofereceram na abertura da Bienal, uma proposta dos curadores-artistas).

Em maio de 2017 fui convidada a participar do Colóquio Plantear, que ocorreu em Tiradentes - Minas Gerais⁵. Para aquela ocasião eu enderecei uma outra carta, datada do dia 21 de maio de 2017, para ser lida por Patrícia Franca Huchet. Para acompanhar a leitura, pedi ao Hélio que apresentasse a seleção de imagens que eu havia selecionado. Não poderia estar presente e a carta foi novamente a forma que encontrei de fazer uma narrativa dessa viagem à Sibéria, a partir da qual eu discorria sobre a visita e seus desdobramentos.

Anos mais tarde, no dia 29 de agosto de 2019, eu reli novamente a carta que havia redigido para Plantear

⁵ Carta lida para Plantear, Colóquio e a Exposição idealizados pelo grupo GRASSAR, da Escola de Belas Artes da UFMG, Centro Cultural SESI MINAS Yves Alves, com o apoio do Campus Cultural UFMG em Tiradentes, dias 01, 02 e 03 de junho de 2017. Le temps qu'il fait pensées fluides, Helio Fervenza e Maria Ivone dos Santos. BY14 – 3ª BIENAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE YAKUTSK. H₂O e seus três estados (sólido, líquido e gasoso). 05 de setembro-04 de outubro de 2014. República Sakha (Iacútia). Federação da Rússia. Curadores convidados VINCENT + FERIA.

em 2017. Estávamos reunidos na sala do *Laboratório de Ensino e Pesquisa: Arte e Contexto*, no Instituto de Artes da UFRGS, numa das rodas de leitura chamada *Conversa Infinita*, para a qual fui convidada por Cláudia Zanatta e Rosa Blanca, que organizavam as atividades preparatórias do *Simpósio Internacional Intervindo, Migrando e se (Des)localizando*. Nesse mesmo ano eu participei da mostra *Rotas / Rutas*, no Centro Cultural Érico Veríssimo em Porto Alegre, apresentando um díptico com imagens-lembranças da escultura que me presenteou Marcov e sua embalagem. A leitura da carta e essa exposição me fizeram reavivar a emoção daquele deslocamento transformador, saindo de Porto Alegre à Paris, passando por Moscou até chegar em Yakutsk na Sibéria. Desta forma, eu a publico na circunstância desse livro que nos reúne, acompanhada de um ensaio visual que preparei, com imagens da cidade de Yakutsk, da exposição na Bienal, da visita à Marcov, ao Museu do Mamute, e algumas imagens que são *reflexões* para pensar os lugares.

Maria Ivone dos Santos
Porto Alegre, 07 de novembro de 2020



Porto Alegre, 21 de maio de 2017

Caros amigos,

Essa carta foi a forma que eu encontrei de estar com vocês em Tiradentes. Quando confirmei minha participação no Colóquio Plantear, eu imediatamente me pus a trabalhar no assunto, envolvendo-me com alegria nessa possibilidade de pensarmos juntos. Queria que soubessem que me imagino sentada no banco azul mostrado na imagem delicada e feliz que anuncia esse encontro, e que reúne tantas pessoas queridas e com as quais venho compartilhando bons momentos de trabalho e de convívio, em distintas circunstâncias. Queria que soubessem que pedi a Patrícia para me ler, com a confiança de tudo o que vivemos juntas, na França e aqui, e por lembrar de sua voz e de sua profundidade intelectual, quando fez a leitura tão atenta e generosa de minha tese em 2003. Me desculpo publicamente de não poder estar presente, pois sei que perderei a melhor parte do encontro, que é estar e pensar juntos aquilo que ainda não sabemos bem o que é e que só saberemos após termos tido essa experiência.

Enquanto Patrícia lê essa carta, estarei em Navarra, na Espanha, falando no seminário As artes e as transformações comuns do território, em uma reunião de pesquisa. Minha participação vem como consequência de um projeto de internacionalização da pós-graduação (CAPES-FAPERGS), iniciado e coordenado por mim em 2014—em um outro momento de nossa política. Nesta fase, integro como convidada um grupo de pesquisa espanhol e me reunirei com

a equipe de pesquisadores da Universidade do País Basco com quem trabalharei nos próximos três anos. Para Huarte e Navarra irei levar um pouco da experiência que venho realizando desde 2003 na pesquisa As extensões da memória: a experiência artística e outros espaços. Abordarei as experiências de terreno que se desdobraram em práticas artísticas e reflexivas e que partiram da frequência e observação continuada de certos contextos urbanos e ambientais da cidade de Porto Alegre. Comentarei igualmente sobre a relação entre essa pesquisa e as práticas didáticas que desenvolvo nas disciplinas da graduação e da pós-graduação na UFRGS e no projeto Formas de Pensar a Escultura/Perdidos no Espaço, que envolvem processos de reconhecimento da cidade e a percepção ambiental. Essas duas dimensões abordadas são pautadas pela mesma urgência dos assuntos que trago para Plantear, visto que dizem respeito à necessidade da arte — pela elaboração simbólica que realiza ao se colocar ao lado de outros campos disciplinares para refletir e repensar os modos de construir um espaço comum e os modos de estar nesse mundo.

Para Plantear, trago a narrativa intitulada outros extremos: encontros, feita a partir de uma experiência vivenciada durante a residência realizada em outro extremo do planeta, na Bienal BYH-14, em Yakutsk, na Sibéria, para a qual eu e Hélio fomos convidados. Nossa proposta buscava levantar um pensamento sobre o tempo em uma abordagem do tempo cronológico, geológico e do tempo-clima. Pensávamos sobre a água em seus estados sólidos, líquidos

e vaporoso e buscávamos interligar aspectos presentes na exposição para a qual fomos convidados em 2014. Essa região da Sibéria ficava a sete horas de Moscou e a igual distância da China. Lá, as temperaturas negativas variam entre -30°C e -60°C, e se estendem durante 9 meses do ano. Na época da Bienal era verão, a temperatura variava em torno dos 20°C e o tempo era ameno.

Nosso projeto se propunha a três abordagens inter-relacionadas: A primeira, *Le temps qu'il fait* (pensées fluides), consistia em dois vídeos, um meu e outro do Hélio, apresentados no Museu de Yakutsk, em uma sala dedicada à paisagem, sendo esse espaço pontuado com sinais gráficos adesivados na parede que indicavam possíveis relações com certas pinturas e com as fotografias intituladas *Rios Voadores*, realizadas por mim durante a residência. Na segunda, intitulada *Le temps qu'il fait* (rencontres), eu propunha interagir com moradores de Yakutsk e da região. Eu havia feito uma pesquisa prévia sobre a Sibéria e elencado a possibilidade de visitar um artesão, um artista, um arquiteto, um cozinheiro, um criador de cavalos e um climatólogo. Esses encontros ocorreriam em seus locais de trabalho. Com o auxílio de um intérprete. Na terceira, *Le temps qu'il fait* (três pontos), uma ação proposta por Hélio à ser realizada na cidade, com caminhadas e pontuações utilizando a água do rio Lena.

Falarei aqui do que realizei no quadro da segunda abordagem acima referida, em que eu me propunha a encontrar essas pessoas para buscar saber mais sobre seu trabalho, sobre as mudanças do

tempo ao longo do ano e sobre as alterações daquela paisagem ao longo do tempo. A proposta era documentar essas visitas e fazer um registro fotográfico. Eu escolheria uma imagem que seria incluída na exposição, acompanhada de um texto impresso em um formato 20 x 30 cm, que seria exposto na exposição junto de a ampliação fotográfica de igual tamanho. Na base da folha do texto constaria o local, o dia e a hora da tomada da imagem, bem como o nome e a profissão do participante.

Havia nessa ideia a vontade de conhecer aquela região a partir do ponto de vista das pessoas que lá viviam, e de trazer seu depoimento para a exposição. Já nos primeiros dias, nos demos conta das dificuldades que teríamos para nos comunicar, pois necessitávamos de um intérprete que traduzisse do francês para o russo ou para o yakut. Consegui realizar duas visitas, uma ao artesão Fiodor Markov e outra para a arquiteta Starostina Ytalina. Foram experiências muito interessantes, que se mostraram imensamente importantes para minhas reflexões de pesquisa.

Nesta fala irei me deter na narrativa da visita que realizamos ao atelier do escultor Fedor Markov, para na sequência ampliar a reflexão para o contexto da exposição, que abre a porta para conversar com vocês, com Patrícia que me lê e com Simone Cortezão que está nesta mesa, contando com o apoio de Hélio, que aprofundará outros enfoques amanhã, quando abordará *Local Extremo*, exposição realizada por nós em Porto Alegre e na qual eu atualizo algumas

proposições trazidas da experiência da Sibéria.

Fedor é um escultor. No inverno trabalha a uma temperatura de -30°C à -60°C, esculpindo grandes figuras em gelo na tradição figurativa. Essas esculturas ficam expostas ao público em uma praça, para depois serem levadas a uma galeria subterrânea, localizada nas profundezas do permafrost, onde se conservam do degelo. Durante todo o ano ele trabalha também em seu atelier, local em que talha pequenas e delicadas figuras utilizando galhadas de renas e presas de mamute. A presa de mamute é um material raro e cujo uso encontrava-se regulamentado até a pouco tempo. Ela pertence a animais que existiram naquela região há 5.600 anos e foram soterrados pelo gelo, mantendo-se até hoje em perfeito estado de conservação. Sabe-se que manadas inteiras de mamute jazem no subsolo gelado da Sibéria, onde também encontram-se outras riquezas, como os diamantes mais puros do mundo. Dizem ainda que todos os elementos da tabela periódica encontram-se no subsolo do ártico.

A visita a Markov foi mediada por Tamara, que traduziu perguntas que fazíamos em francês para o yakut e para o russo. A conversa truncada ia sendo suplementada por informações que colhíamos sensivelmente, através de nossas experiências naquele lugar. Pude tocar com minhas mãos uma pequena figura talhada em presa de mamute. Era uma peça que mostrava um preá sendo montado por um sapo que o açoitava, fazendo-o correr. Essa escultura era uma dentre muitas outras talhadas por Markov, e, como todas elas, tinha um

significado instrutivo naquela cultura e contexto. A imagem do animal assustado sendo cavalgado por um sapo prepotente, nesse caso, nos advertia sobre a figura do oportunista, aquele que se serve do outro para movimentar-se sem esforço. Vocês verão que esta peça é muito bem trabalhada. Fui tomada por uma fascinação absoluta diante daquele objeto que de alguma forma era muito especial, muito diferente dos souvenirs de luxo similares que vi à venda em uma loja de produtos artesanais da cidade. Manifestei minha admiração e meu interesse em ter aquela escultura que me havia tocado tão particularmente, pois sabia que o artesão nos recebia não só para nos mostrar suas habilidades, mas também porque a comercialização das peças era seu sustento. Então, dias mais tarde, ele veio ao meu encontro, me trouxe a peça apoiada numa base e eu a adquiri. No entanto, passei dois dias olhando a pequena escultura e pensando que havia algo nela que não me convencia. Voltei a procurar Markov e ele me confessou que aquela não era a peça que eu havia visto originalmente, que ela pertencia a sua coleção e custava muito caro. Diante da situação, eu lhe propus de completar o valor que valia a escultura, pois eu não queria qualquer imagem, queria encontrar aquele sentido que tinha sido experimentado e que foi avivado pelo tato e pelo contato com o objeto. Ele concordou e eu finalmente tive em mãos aquele objeto carregado de sentido. Era como se eu tivesse ido para Yakutsk para encontrá-lo, visto que aquela pequena escultura me auxiliava a pensar sobre a terra, sobre o planeta, sobre a memória, sobre as migrações, sobre o senso de conservação,

sobre o valor e sobre o simbólico. Ao mesmo tempo, a malícia da imagem daquele animal aproveitando-se de outro fazia figura do enigma do humano e das formas de sujeição às quais se aplica. Vocês terão uma ideia do que eu falo pelas imagens aqui trazidas, que dão a ver também um pouco do atelier de Markov.

Dias mais tarde, esse sentimento de valor do objeto em questão se confirmaria. Fomos convidados a assistir um desfile de mulheres esbeltas, vestidas em negro, portando joias de diamantes. As modelos desfilavam acompanhadas de uma instrumentista que executava uma peça do repertório local. Ela tocava um instrumento de percussão peculiar e muito antigo. Tinha que pressionar o khomus contra sua boca com a mão esquerda, enquanto o braço direito permanecia dobrado e a mão direita era erguida ao mesmo nível da cabeça, com o dedo indicador para baixo e posicionado em frente à saída do som. Seus gestos eram firmes e incisivos e contrastavam com os produtos propostos pelos diamantários chineses. Paradoxalmente, o que eu senti diante dos diamantes ia num sentido oposto ao que eu tinha sentido diante da pequena escultura de Markov. Talvez porque os diamantes ali vendidos em profusão testemunhavam a exploração intensiva daquele ecossistema frágil e me lembravam de que aquele subsolo gelado estava se degradando com mais rapidez. De certo modo, a música nos advertia sobre alguns perigos e trazia uma experiência viva da região.

Na visita que fizemos ao Museu do Mamute, mantido pela

Universidade de Amossov, o biólogo Serguey Fedorov nos conduziu por vitrines que retraçavam a história da ocupação da região da lacútia, através de documentos, fotografias, objetos e vídeos, mostrando os hábitos e o processo de aclimação dos povos que transitaram e hoje vivem nessas regiões inóspitas, das populações vindas da Turquia e da China e do colonizador Russo. Eu me detive por um tempo olhando um pedaço ressecado e informe, que descobri ser um fragmento do intestino de um mamute. Ali ainda haviam restos de seu alimento, de grãos e de plantas que o nutriram e que eram originários de campos verdejantes. Dentre as sementes havia algumas que encontramos ainda hoje naquela região e também em outros continentes. São o que chamamos de plantas ruderais, ou ervas daninhas, um tipo de vegetação que nutria os mamutes e que ainda cresce espontaneamente pelo planeta. Essa vegetação resiste ao tempo e será a vegetação que cobrirá a terra quando aqui não estivermos. No estômago dos mamutes que estão no subsolo gelado da Sibéria está uma das chaves para compreender a terra e a formação de sua atmosfera.

No dia 3 de setembro de 2014, dia que não posso esquecer, vivenciei outra experiência marcante em Yakutsk. Hélio e eu estávamos caminhando pela cidade, nos afastando do museu e dos tradutores que sempre nos seguiam. Naquela caminhada o silêncio imperava e podíamos ver com mais calma as casas antigas da cidade, feitas em madeira. Uma delas tinha se partido ao meio, pois o solo havia afundado, possivelmente pelo calor da própria casa. Perto de uma

touceira de flores, em uma esquina próxima àquele canteiro, escutei de repente o que parecia ser o movimento de águas subterrâneas. Sabe aquele tipo de barulho da água faz quando bate nas paredes de uma caverna? Naquele momento exato eu tive uma consciência planetária, que fez com que eu me desse conta de onde eu estava, de que meus pés estavam apoiados no permafrost. E de que aquele lugar poderia se alterar rapidamente se o calor do verão persistisse, se o frio não retornasse com toda a força. Eu estava ali durante um dos três meses de clima cálido e podia ver o rio Lena pleno e caudaloso. Sabia que, no início de outubro, aquela terra começaria a gelar e o rio se transformaria em estrada, permitindo o tráfego de caminhões com víveres e outras mercadorias. Sabia que as fazendas de criação de renas iriam ter que se reorganizar e que os animais seriam recolhidos dentro de galpões

Ao relatar esse encontro com Markov, a vista ao Museu do Mamute e aos diamantários, exponho os paradoxos da ocupação humana naqueles contextos ambientais extremos. Sabemos que a aceleração das atividades de mineração, entre outros processos industriais, também vêm contribuindo para eminentes catástrofes que produzem transformações rápidas e impactantes. Quando um lago surge na Sibéria —que tinha mais de seiscentos lagos recenseados em 2014— é um sinal de aceleração e de derretimento. Dadas as condições climáticas extremas, a manutenção da vida naquele sistema só é possível se for guardada uma grande austeridade dos modos de

vida. A era do Antropoceno, que está em discussão pelos geólogos na atualidade, refere-se aos processos de aceleração das mudanças geológicas como consequência dos processos de exploração econômica que degradam o planeta.

Mas de que forma fazer a passagem dessa experiência extrema para o que vivemos em nosso tempo e espaço atuais? Como essa narrativa distante e essas experiências vividas como arte nos colocaram diante de uma perspectiva mais ampla e de uma realidade planetária? Saindo de nossa cidade e deslocando-nos a outras regiões no Brasil e do mundo, vemos processos econômicos aliados à flexibilização da legislação ambiental transformando radicalmente os biomas. Em uma “visada global”, como se referem ao movimento da economia no planeta, vemos os grandes conglomerados econômicos influenciando em políticas de países e de regiões e impactando a vida de populações inteiras. A equação é complexa. Dito isso, penso que em nossa contemporaneidade as reações de certo modo vêm sendo restringidas pela rapidez e aceleração dos “eventos”, acidentes e decisões de grande escala e se dão em uma condição intempestiva. As narrativas midiáticas são dirigidas e a velocidade com a qual as notícias se sobrepõem umas às outras nos fazem perder as possibilidades de um debate que propiciaria uma distância crítica. Mas sempre temos a arte!

Simone Cortezão, em sua tese, *Terras Remotas*, e em seus filmes *Subsolos* e *Navios de terras*, que tive o prazer de conhecer

recentemente, trata a questão da mineração e do deslocamento de minério no planeta. Em seu estudo, Simone reflete também sobre o que denomina zonas de ressaca. Ela lembra o que dói lembrar e sua reflexão nos alerta sobre a condição intempestiva acima referida, ao falar dos 60 milhões de metros cúbico de rejeito soterrando a cidade de Bento Rodriguez, viajando 500 km e chegando a costa do Espírito Santo e da Bahia. Do texto que li de Simone, trago um fragmento para pensarmos juntos: “A lama viscosa após cinco dias descia mais lenta que as águas do rio, com uma melancolia do tempo lento, trazendo as camadas de uma montanha derretida”. Parafraseando sua escrita, eu diria que, na dimensão da natureza, os rejeitos e seus impactos escoaram e transbordaram para além do local, atingindo uma dimensão planetária.

O assunto que abordamos aqui problematiza nossa casa maior. Ele diz respeito ao local, à região, ao país e ao continente, mostra que estamos diante de uma interdependência. Hélio Ferverza amanhã comentará o processo que resultou na Exposição Local Extremo, que realizamos juntos na Galeria da ESPM no ano passado. Exposição para a qual levei algumas das proposições desenvolvidas na Sibéria e que, através de seu agenciamento sensível, produziu uma reflexão sobre as relações entre economia, espaço e meio ambiente. Saber que essas relações serão discutidas neste Colóquio nos faz saber que não estamos sós.

Se hoje não pude estar aqui presencialmente, espero estar com vocês através desse endereçamento. E no País Basco, aqui e lá, estarei fazendo parte de um processo de pensamento profundo e de encontros que mobilizam forças e sensibilidades. Que nossas conversas reverberem e nos façam reagir diante da urgência. Como podemos desassossegar nosso estar nesse mundo, já que temos em comum a arte, essa operação sensível que busca formas de agenciar e revelar uma coisa que até então não tínhamos visto?

Um abraço a todos,

Maria Ivone

